

Desenhando na Imaginação

Darlan Rosa



Darlan Rosa

**Desenhando na
Imaginação**

Brasília, 2023

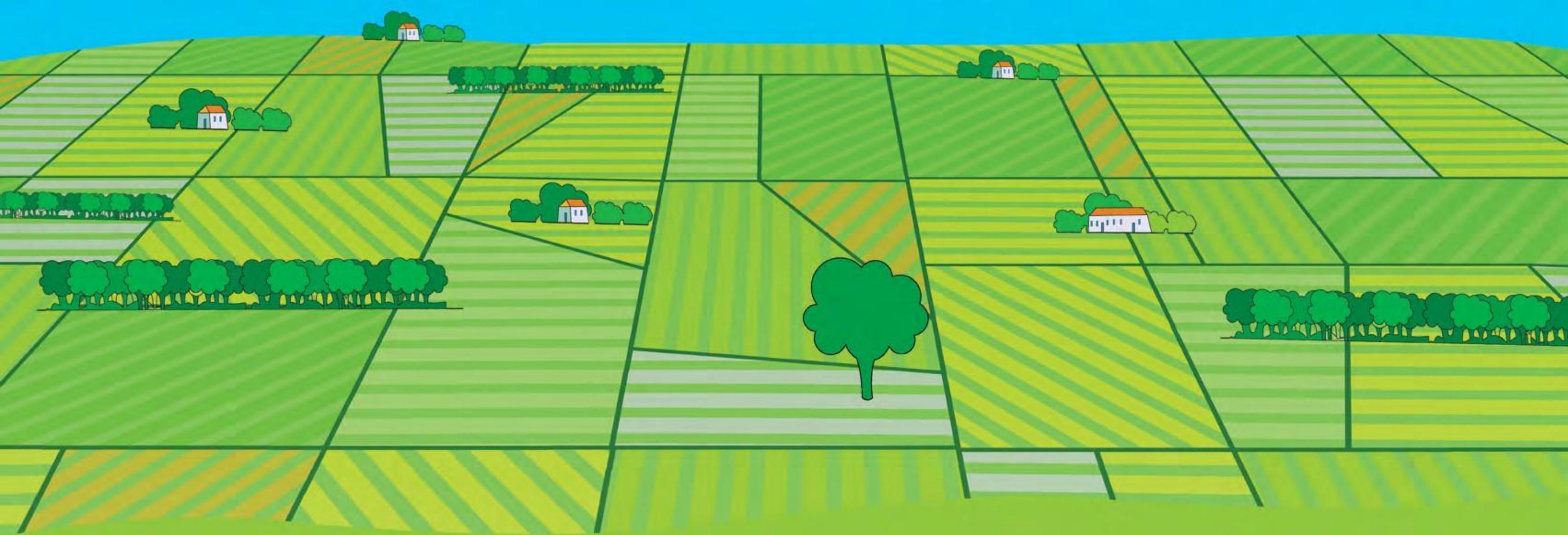


Eu nasci em Coromandel, bem perto da rua do Sapo. Lado a lado com esta rua, corria o córrego da Biloca, famoso pelo coaxar dos sapos ao anoitecer.

Meu nome foi dado em homenagem ao Almirante Darlan, militar francês da Segunda Guerra Mundial. Meu pai ouviu na Rádio BBC.

Naquela época não havia televisão, então as pessoas acompanhavam as notícias do Brasil e do mundo pelo rádio.

Sem televisão e vídeo game, eu cresci ouvindo histórias. Meus pais, quando crianças, nem rádio tinham. Eles também cresceram ouvindo histórias e ficaram muito bons em inventar e contá-las.



Eu brincava com outras crianças da rua do Sapo, onde todo mundo se divertia.

Passeava nas fazendas do Bonito onde moravam meus tios.

Lembro-me também das festas de São João no Douradinho e de fazer traquinagens no Parque Tangará.

Mas minha lembrança favorita daqueles tempos é o fascínio que eu tinha pela beleza das paisagens formadas pelas plantações nos campos.

Olhando de longe parecia minha colcha de retalhos, que me cobria para dormir, só que mais colorida.



- Mãe, quem faz estas plantas e flores tão lindas?
- O homem e a semente meu filho. O homem planta a semente e ela cresce como uma obra de arte de Deus. Cada semente faz uma planta diferente e as várias plantas fazem esta paisagem tão linda! Todo o processo precisa de muito trabalho. Na época certa do ano, o homem limpa e ara o campo e faz as covas para receber as sementes. É uma trabalhadeira danada! Depois de plantada, a semente precisa da chuva e do sol na quantidade certa para germinar e crescer até a época da colheita. É neste momento que os campos ficam muito lindos, parecendo uma pintura.

- Mãe, eu gostaria de desenhar como a semente. Será que consigo?

- Claro que sim, meu filho. As crianças são as sementes das novas gerações.

Elas têm uma imaginação criativa, capaz de revolucionar o mundo. É nela que nascem as transformações, invenções e a arte. Primeiro você tem que aprender a desenhar no pensamento e depois desenhar no



papel. A gente tem que fechar os olhos e observar os mínimos detalhes das imagens, cores e formas que vão se desenvolvendo. Na imaginação não é preciso saber desenhar, ler ou escrever. Só precisamos criar sem medo e cada vez inventar mais coisas.

Depois disso, vem a parte mais trabalhosa. Passar isso tudo para o papel. O primeiro pingo de tinta ou risco de lápis é a semente do desenho. Como na plantação, é preciso muito trabalho! Primeiro você faz os rabiscos e, à medida que você vai crescendo, sua mão vai ficando mais esperta, até que um dia você consegue passar para o papel tudo que está na sua imaginação.



- Darlan, vamos lá desenhar na imaginação um campo de plantação? Feche os olhos e deixe a semente da imaginação germinar e crescer!
- Uau! Viva! Que maravilha!

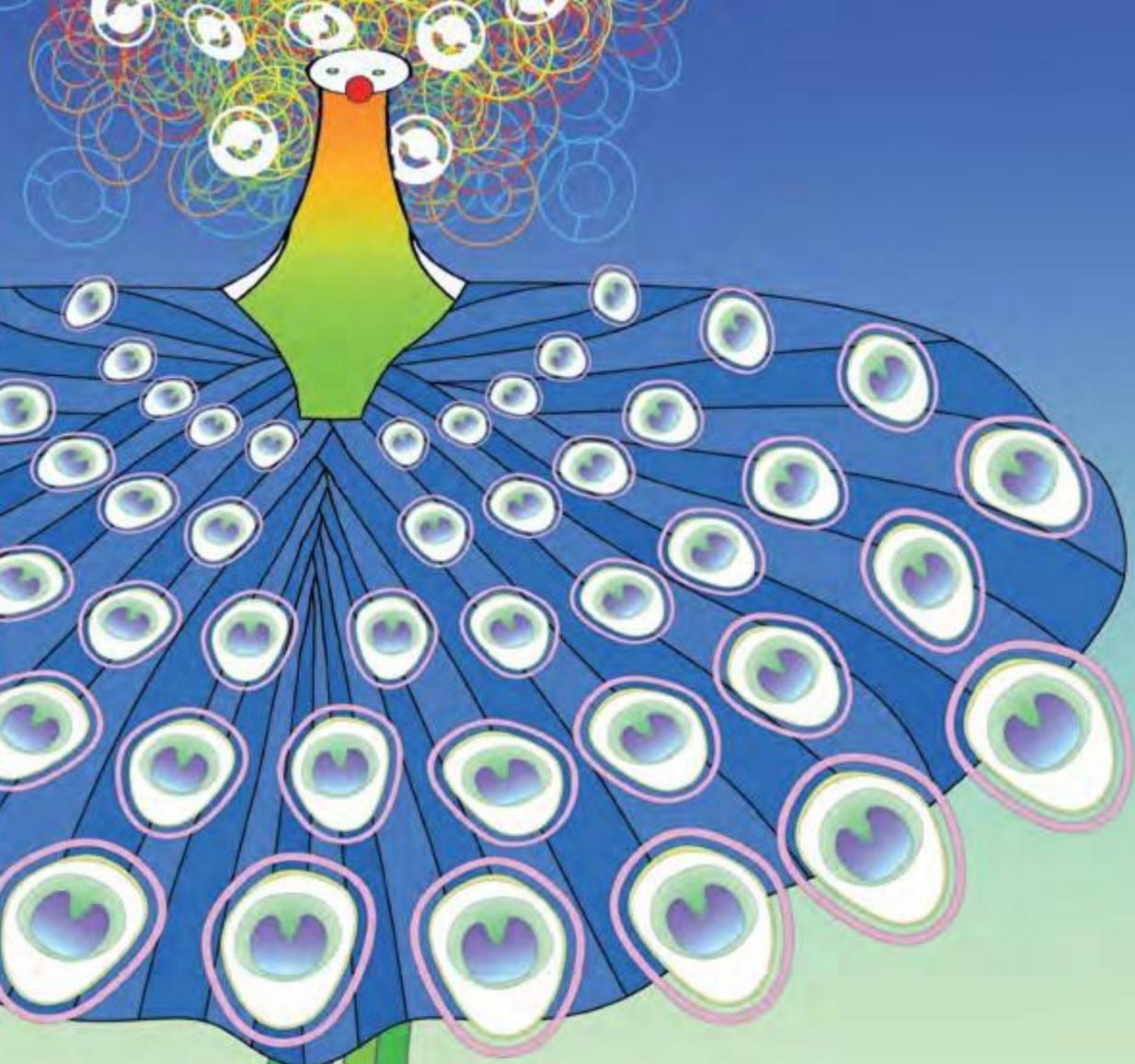
Meus cabelos viraram uma lavoura!
Na minha imaginação, é claro.
- Muito bem. No pensamento não precisa ser igual na vida real. Quanto mais você inventa, mais legal é.



- Filho, é preciso
treinar para que
os desenhos na
imaginação sejam
sempre criativos
Imagine uma árvore



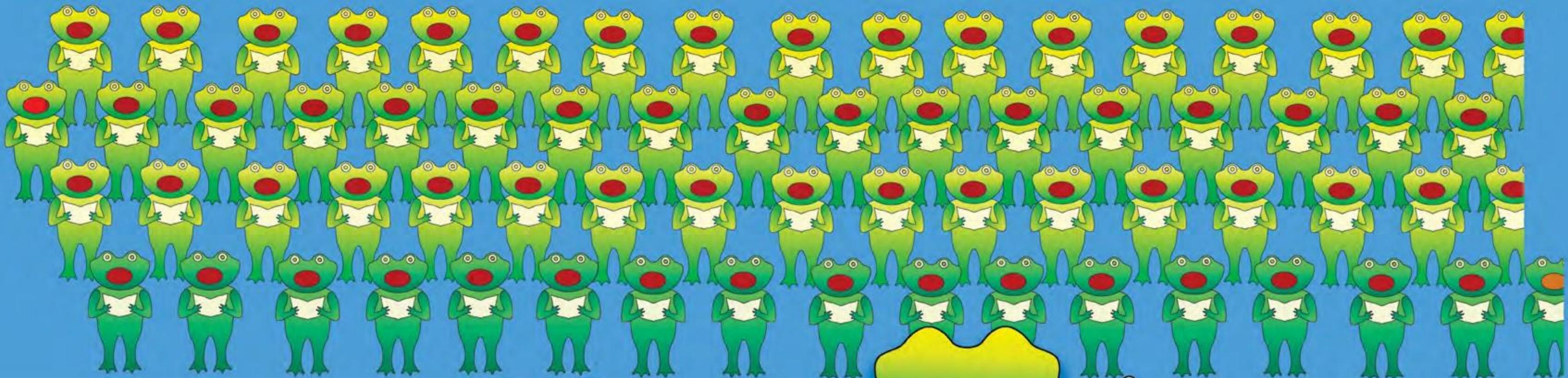
diferente! O segredo
é que o desenho tenha
muitos detalhes.
- Mãe, estou
desenhando, uma árvore
com folhas em forma
de bolinhas coloridas.



Muito linda!
-Muito bem meu filho.
Agora invente uma
galinha.
Invento uma galinha
de vestido e coroa de
rainha!



- Parabéns, filho,
pela criatividade!
Agora, chega de
imaginação e vamos para
casa, que depois da janta
vou contar uma história
inventada.



As histórias tinham fundo musical, o coral de sapos do córrego da Biloca. Eles começavam a cantar ao anoitecer.

– Deite-se que lá vem história!

Começava minha mãe.

“Era uma vez um príncipe que foi transformado em sapo por uma bruxa”... a voz da minha mãe ia ficando longe e a sementinha do sono se abrindo, e a história virou um sonho.

No sonho eu estava



encarregado de enfeitar o sapo que estava para se casar. Desenhei ele de casaca verde, calça e gravata vermelhas.

- O que você acha?, perguntei.

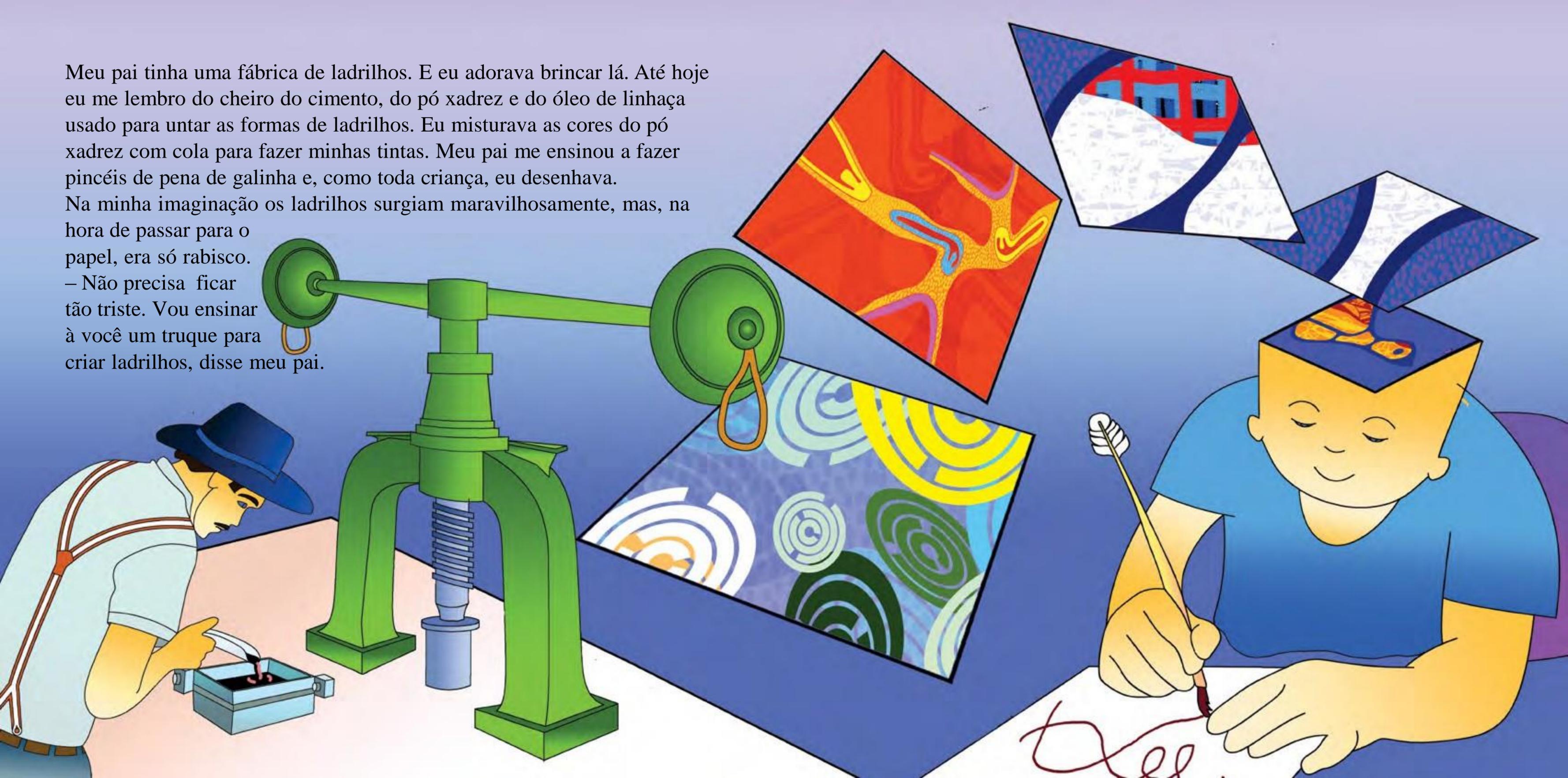
Mas como ele já tinha sido gente, portanto inteligente, filosofou:

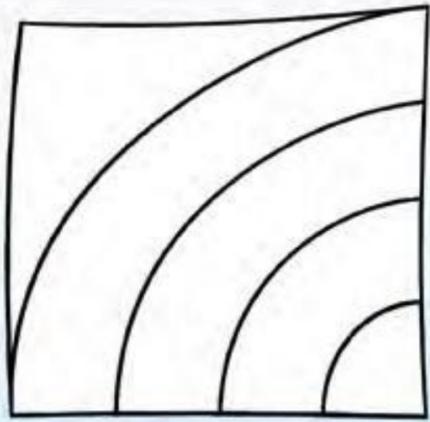
- Estou fenomenal! Mas, a aparência não é tudo! Eu tenho certeza que minha noiva vai gostar de mim, como eu sou! E, dito e feito. Fui ao casamento deles antes de acordar-me.

Um casamento de príncipe princesa!

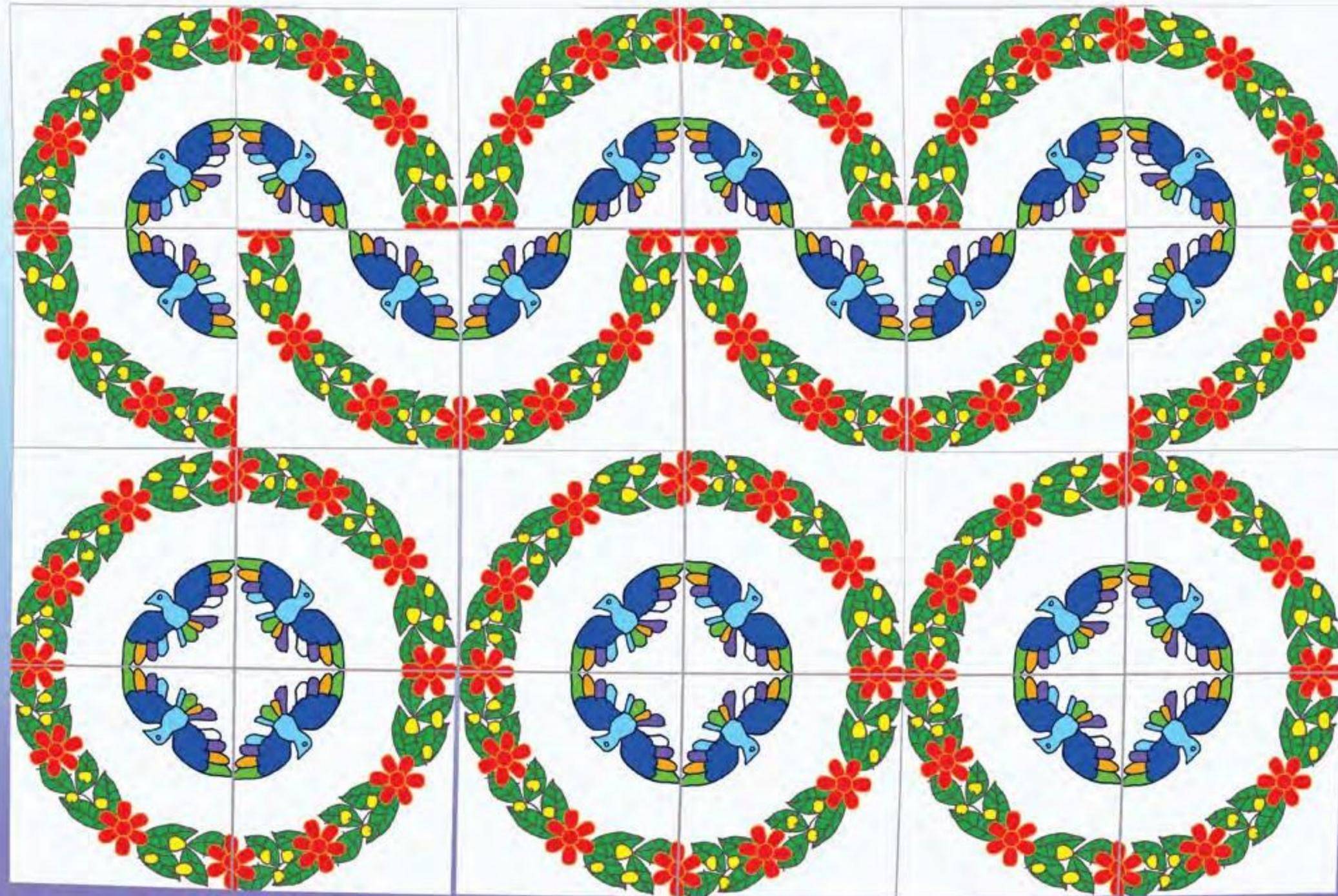
Meu pai tinha uma fábrica de ladrilhos. E eu adorava brincar lá. Até hoje eu me lembro do cheiro do cimento, do pó xadrez e do óleo de linhaça usado para untar as formas de ladrilhos. Eu misturava as cores do pó xadrez com cola para fazer minhas tintas. Meu pai me ensinou a fazer pincéis de pena de galinha e, como toda criança, eu desenhava. Na minha imaginação os ladrilhos surgiam maravilhosamente, mas, na hora de passar para o papel, era só rabisco.

– Não precisa ficar tão triste. Vou ensinar à você um truque para criar ladrilhos, disse meu pai.





- O ladrilho é como um espelho,
dizia meu pai.
Basta você criar um desenho que
possa ser espelhado.
Meu pai desenhou um quadrado com
dois semicírculos e ele me orientou
como desenhar.
Minha mãe me ensinou a duplicar os
desenhos com papel transparente e
carbono, do jeitinho que ela fazia os
moldes de costura.
Convidei a Valderez, seu irmão
e minha prima Lira para ajudar.
Rapidinho a gente fez 24 desenhos de
ladrilhos e montamos esta maravilha!
Trabalho de equipe.
Nunca esqueci daquele dia. Até hoje
eu uso a técnica do espelhamento.



Meu pai também gostava de inventar histórias. Uma noite ele disse:
- Vamos fazer uma viagem ao estrangeiro! Ele pegou sua lanterna de pescaria e lá fomos nós. O Waltinho, minha irmãzinha Nilce e eu atravessando um terreno muito grande, vazio e escuro, onde eram montados circo de lona e parque de diversões.

- Estamos atravessando o mar negro, dizia meu pai. Muita atenção! Pensei logo em monstros marinhos. Fechei os olhos e desenhei, na minha imaginação, um dragão, para ajudar meu anjo da guarda a nos defender. E nunca mais fiquei com medo pois não existe monstro mais monstro do que dragão. De repente, avistei as luzes do Bar Diamantino, onde fomos tomar sorvete.

- Que maravilha!



Em 1955, eu tinha 9 anos, estava cursando o segundo ano primário em Patrocínio. A professora nos pediu para fazer uma redação sobre a Carmem Miranda, que acabara de falecer. Tudo o que eu sabia sobre ela era uma foto que eu vi na revista “O Cruzeiro”.

Minha redação: “Carmem Miranda é a Deusa da plantação. Sua mãe, desde pequena, ensinou-lhe a desenhar na imaginação. Ela desenhou tanto que acabou nascendo um abacaxi e bananas na sua cabeça”...

Quando li a minha redação na classe, a professora elogiou minha criatividade, mas apressou-se em explicar que, na verdade, ela era uma cantora brasileira, muito famosa e as bananas e abacaxis na cabeça eram para lembrar as cores do Brasil, quando ela cantava nos Estados Unidos.

Mas a professora se encantou mesmo foi com a ilustração que eu fiz na redação.

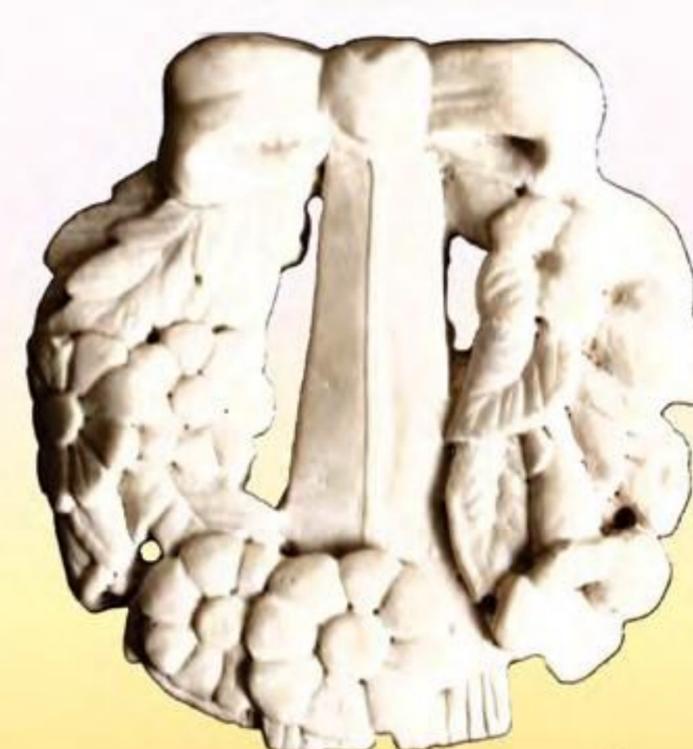
Ela era uma aquarelista e, durante todo ano, eu passei a ir à casa dela depois das aulas para treinar meu desenho. Um grande presente!





Aos 11 anos, finalmente eu conseguia desenhar no papel tudo o que eu desenhava na imaginação e até criei um estilo: “a boca de batom”. Graças aos constantes exercícios de desenhar na imaginação, fiquei muito bom em desenhar retratos de memória. Nesta época eu cobrava 1 cruzeiro por desenho.

Na adolescência eu desenhava de graça, só para impressionar as meninas na esperança de arrumar um namoro.



Nesta época, eu também já substituía meu pai no desenho de ladrilhos, ornatos e esculturas em mármore, para decorar os túmulos. Aos 13 anos mudamos para Uberlândia. Eu continuei fazendo este mesmo trabalho até meus 18 anos, quando fui trabalhar na TV Triângulo.



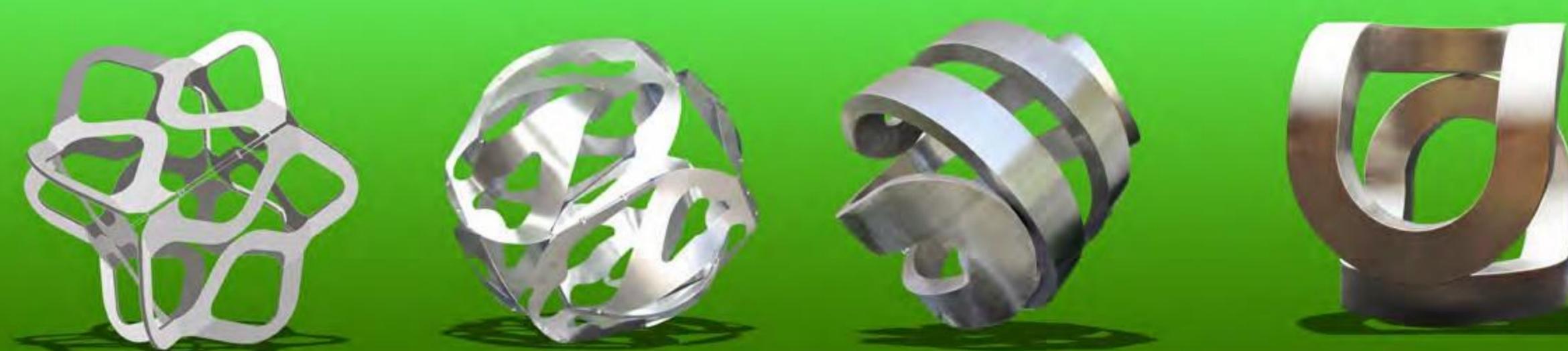
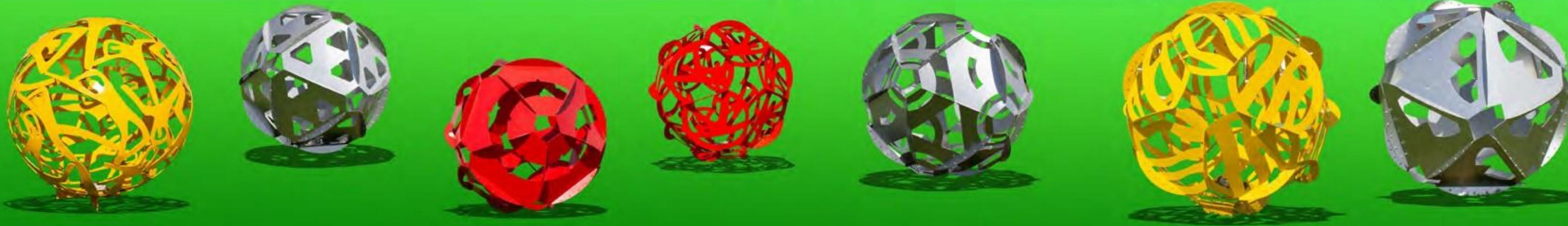
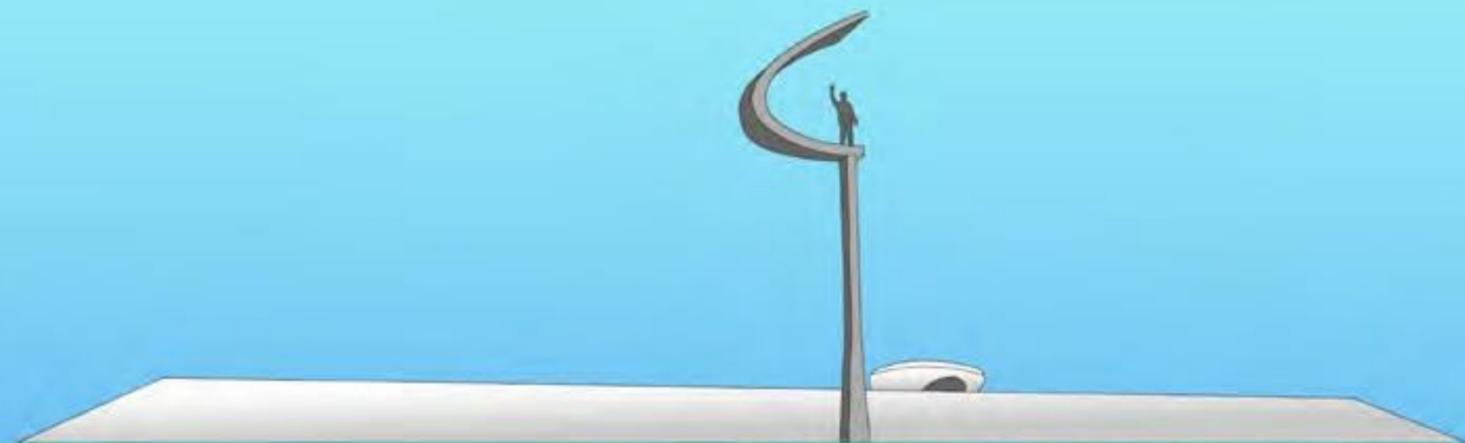
Quando mudei para Brasília, continuei a fazer o programa que tinha começado na TV de Uberlândia.

O “Carroussel” era um programa diário e durava toda a tarde. Eu contava e ilustrava histórias para a criançada. Desenvolvi um estilo de desenhar com as duas mãos, que todo mundo gostava muito. Meus primeiros personagens foram: o Sapo Anastácio, a Baratinha Marivalda e o Nicotina. O programa durou 4 anos. Depois, nos 16 anos seguintes, eu colaborei com a Unicef, criando campanhas com personagens em desenho animado e livros infantis. Alguns destes personagens ficaram muito famosos e ensinaram milhões de crianças, no Brasil e em outros países, a importância da vacinação e hábitos saudáveis.

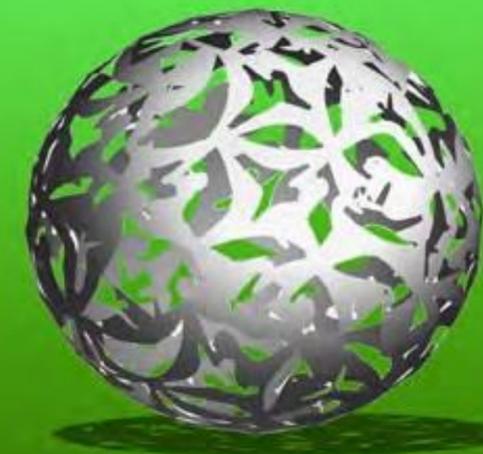


Desde 1999 esculturas plantadas sobre os gramados de Brasília contam a história da geometria da cidade. As esferas foram concebidas como ladrilhos, com desenhos espelhados, como o conjunto que está colocado em frente ao Memorial JK.

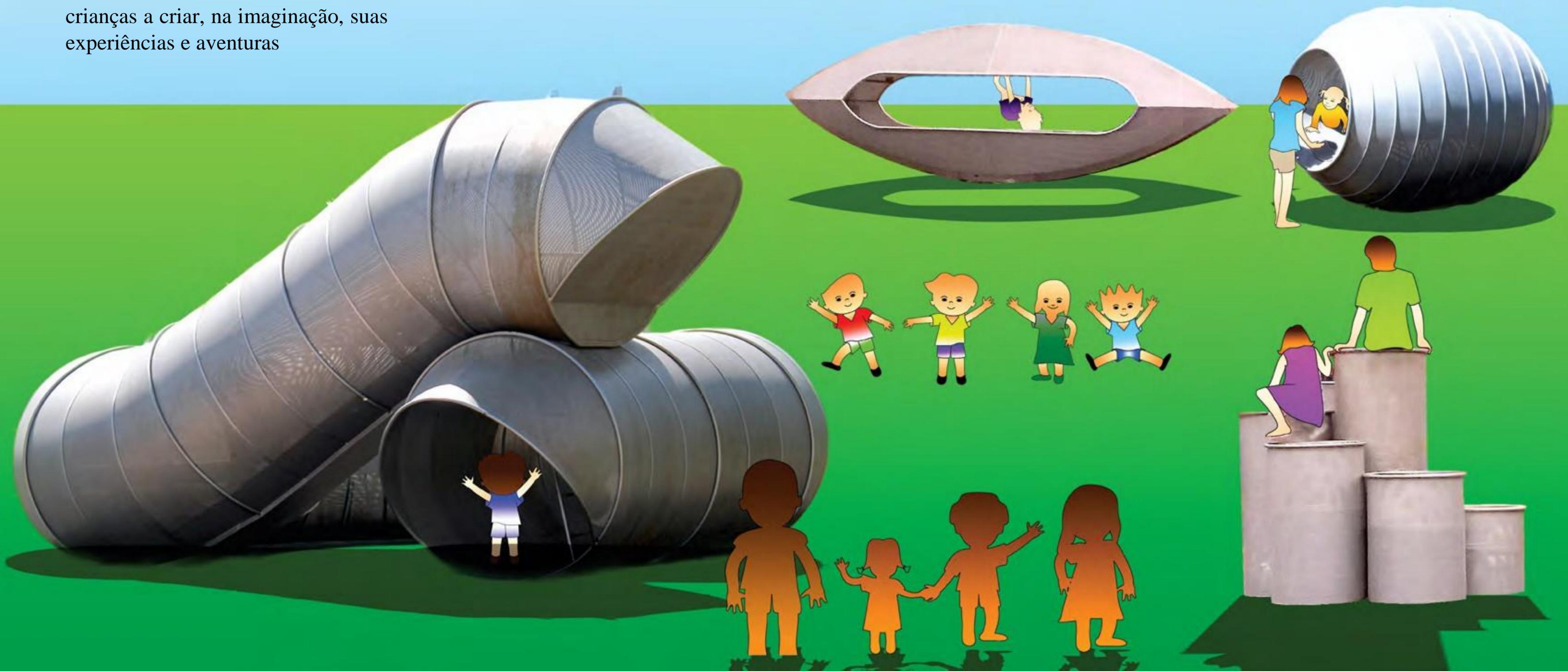
De cada escultura eu escolho uma semente para plantar em outros...



...gramados na frente e dentro de prédios públicos e privados, museus e casas de colecionadores. Devagarinho elas estão indo também para outras cidades do Brasil.



O “Parque Casulo”, formado por esculturas interativas, estimulam as crianças a criar, na imaginação, suas experiências e aventuras



As esculturas também estão em outros países.

Como no Brasil não tem sementes para plantar no gelo, eu desenhei uma especial. Ela é capaz de germinar no gelo e no deserto. Esta história não termina aqui. Ainda há muita história sendo construída para ser contada. Até breve, jovem leitor!

